



Recebido em  
24-05-2018

Aprovado em  
05-12-2018

#### Como citar este artigo

Lima Júnior MCF,  
Santos RM, Costas  
LMC, Mota FRL, Lima  
AFS. [Circunstâncias  
que trouxeram o project  
hope ao estado de  
Alagoas/Brasil.]. Hist  
enferm Rev eletrônica  
[Internet]. 2018;  
9(2):108-21.

#### Autor correspondente

Mario Cesar Ferreira  
Lima Júnior. Avenida  
Longitudinal 2,  
s/n, Laboratório de  
Documentação e  
Pesquisa em História  
da Enfermagem,  
Escola de Enfermagem  
e Farmácia, Cidade  
Universitária. Maceió/  
AL. CEP: 57072-900.  
Email: mariocesarfljr@  
gmail.com

## Circunstâncias que trouxeram o *Project Hope* ao estado de Alagoas/Brasil

*Circumstances that brought Project Hope to Alagoas/Brasil*

*Circunstancias que trajeron el Proyecto Hope a Alagoas/Brasil*

Mário César Ferreira Lima Júnior<sup>I</sup>, Regina Maria dos Santos<sup>II</sup>,  
Laís Miranda de Crispim Costa<sup>III</sup>, Francisca Rosaline Leite Mota<sup>IV</sup>,  
Ana Flávia Silva Lima<sup>I</sup>

<sup>I</sup> Universidade Federal de Alagoas, Escola de Enfermagem e Farmácia, Graduação de Enfermagem, Maceió-AL, Brasil.

<sup>II</sup> Universidade Federal de Alagoas, Escola de Enfermagem e Farmácia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maceió-AL, Brasil.

<sup>III</sup> Universidade Federal de Alagoas, Escola de Enfermagem e Farmácia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maceió-AL, Brasil.

<sup>IV</sup> Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Maceió/AL, Brasil.

#### RESUMO

Estudo documental de cunho histórico social cujos objetivos foram descrever e analisar as circunstâncias que trouxeram o navio escola do *Project HOPE* (Health Opportunity for People Everywhere) a Maceió/Alagoas no ano de 1973, três meses após ter partido do porto de Natal, no Rio Grande do Norte. Pouco se sabe sobre os reais interesses e motivações de sua vinda. Estudos anteriores revelaram que se tratava de um antigo navio hospital de guerra estadunidense que fora transformado em navio-hospital-escola, mantido pelo *Project HOPE* como parte da política internacional do Governo estadunidense de Eisenhower. A pesquisa foi realizada pela análise de fontes levantadas em bases de dados como LILACS e MEDLINE, bem como na Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas e no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem. Os documentos foram submetidos à análise externa e interna com o apoio de instrumento próprio do laboratório, tendo como resultados a descrição dos agentes políticos, estruturais, sociais nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos em época de guerra fria. A vinda do *Project HOPE* para Alagoas teve motivações militares, políticas, econômicas e científicas, além da ajuda humanitária que se propunha.

**Descritores:** História da Enfermagem;; Política; Cooperação Internacional; Assistência à Saúde.

## ABSTRACT

A documentary study of a social historical nature whose objectives were to describe and analyze the circumstances that brought the school ship of Project HOPE (Health Opportunity for People Everywhere) to Maceió / Alagoas in 1973, three months after had left Natal, in Rio Grande do Norte, Brazil. Little is known about the interests and motivations of its coming. Studies revealed that it was a US hospital war ship that had been transformed into a hospital-ship schoolhouse maintained by Project HOPE as part of the Eisenhower US Government's international policy. Research performed by the analysis of sources collected in the Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem linked to the fact. In addition, a search was made in databases such as LILACS and MEDLINE, and in the Central Library of the Universidade Federal de Alagoas, texts that provided references on political and social circumstances of this event. The documents were submitted to external and internal analysis with the support of the laboratory's own instrument, with the results of describing the political, structural and social agents in the relations between Brazil and the United States during the Cold War. Project HOPE's arrival in Alagoas had military, political, economic and scientific motivations, in addition to the proposed humanitarian aid.

**Key words:** History of Nursing;; Politics; International Cooperation; Delivery of Health Care.

## RESUMEN

El estudio documental, histórico-social, cuyos objetivos fueron describir y analizar las circunstancias que trajeron el buque escuela del Proyecto HOPE (Health Opportunity for People Everywhere) a Maceió / Alagoas en el año 1973, tres meses después de salir de Natal, en Rio Grande do Norte/Brasil. Poco se sabe sobre los intereses y las motivaciones de su venida. Los estudios revelaron que se trataba de un buque hospital de guerra estadounidense que había sido transformado en buque-hospital-escuela, mantenido por el Proyecto HOPE como parte de la política internacional del Gobierno Estadounidense de Eisenhower. Investigación realizada por análisis de fuentes levantadas en el Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem ligadas al hecho. Además, se realizó una búsqueda en bases de datos como LILACS y MEDLINE, y en la Biblioteca Central de la Universidade Federal de Alagoas, de textos que trajeran referencias sobre circunstancias políticas y sociales de este evento. Los documentos fueron sometidos al análisis externo e interno con el apoyo de instrumento propio del laboratorio, teniendo como resultados la descripción de los agentes políticos, estructurales, sociales en las relaciones entre Brasil y Estados Unidos durante la Guerra Fría. La llegada del Proyecto HOPE a Alagoas tuvo motivaciones militares, políticas, económicas y científicas, además de la ayuda humanitaria que se proponía.

**Palabra Clave:** Historia de la Enfermería;; Política; Cooperación Internacional; Prestación de Atención de Salud.

## INTRODUÇÃO

O Navio S.S. *HOPE* (“*SteamShip Health Opportunity for People Everywhere*”) foi um navio-hospital-escola norteamericano, remanescente da 2ª Guerra Mundial que atracava em portos de países escolhidos pelo *Project HOPE* (“*Health Opportunity for People Everywhere*” cuja tradução é “Oportunidade de Saúde para os Povos de Todo o Mundo”) para desenvolver programas de treinamento, pesquisas e atendimento de casos clínicos que se configurassem como de interesse científico<sup>(1)</sup>, como parte da política externa de boa vizinhança do governo estadunidense, em plena “guerra fria” entre os dois grandes polos mundiais: Estados Unidos e União Soviética<sup>(2)</sup>.

Documento produzido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) informa que em 1972 houve a celebração do convênio Governo de Alagoas/*Project HOPE*/UFAL, para dinamização dos cursos e serviços médicos e odontológicos da Universidade<sup>(3)</sup>, mas não trazem mais informações a respeito

das circunstâncias que levaram a UFAL e o Governo do Estado a decidirem por este convênio nem os agentes envolvidos neste acontecimento.

Sabe-se hoje que houve intensa articulação entre o reitor da UFAL, a Secretaria da Saúde do Estado de Alagoas e a equipe do *Project HOPE* para que o navio fizesse uma segunda viagem ao Brasil, visto que em 1972 o navio ancorou na cidade de Natal onde permaneceu por 10 meses. Convém dizer que o Navio S.S. *HOPE* até então não tinha aportado mais de uma vez no mesmo país<sup>(4-5)</sup>.

Deste modo, a chegada do navio em Alagoas tornou o sistema de trabalho interdisciplinar de profissionais de saúde dos Estados Unidos conhecido, servindo de modelo a ser seguido. Os estudos revelaram que a presença do navio em Maceió impactou a vida da cidade. A mesma incentivou o desenvolvimento da medicina e da odontologia, visto que eram já cursos em vigor na UFAL, e dessa forma, o navio se apresentou como campo de trocas e estudos científicos de interesse para todas as partes<sup>(6-7)</sup>.

No que diz respeito à configuração política, a chegada do *Project HOPE* e seu navio aconteceu em plena ditadura militar, no seu período mais duro, sob a égide do Presidente Médici no ano em que se tornaram visíveis os sinais do fim do “milagre econômico” brasileiro, pelo qual houve investimento no setor econômico-financeiro, aprofundando o endividamento interno, reduzindo drasticamente o investimento nas políticas públicas de saúde e assistência social, e impactando os indicadores de saúde que alcançavam taxas alarmantes<sup>(2,8-9)</sup>. Esta situação de saúde não era desconhecida da Organização Mundial de Saúde que indicou a necessidade de ampliação de escolas de medicina e enfermagem no país<sup>(2)</sup>.

Em Alagoas, o período de chegada do navio foi marcado por muitos investimentos na industrialização, com criação de grandes fábricas. Porém, houve queda no investimento social comprometendo os indicadores de saúde<sup>(2)</sup>, repetindo-se em Alagoas o que acontecia no Brasil, onde o processo que consubstanciou o “modelo econômico próprio do ciclo ditatorial [que] teve objetivos e determinantes bem definidos, sujeitos e beneficiários nitidamente identificados e também enorme contingente de prejudicados suficientemente conhecidos”<sup>(4)</sup>. Literalmente, a maior parte da população brasileira não foi contemplada com o atendimento das suas necessidades básicas.

Nesta conjuntura de busca pelo desenvolvimento ainda não alcançado na área de saúde, o Navio aportou em Maceió, atendendo centenas de pessoas no tempo em que ficou ancorado. O mesmo exigiu que o Porto de Jaraguá fosse adaptado para receber uma embarcação daquele porte, chegando a prejudicar a movimentação do açúcar, grande responsável pela economia à época e, pode-se dizer também, determinante das condições de saúde da população, juntamente com a cultura de fumo nos arredores da cidade de Arapiraca<sup>(2)</sup>.

Os estudos sobre a estada do Navio S.S.*HOPE* em Maceió, que durou de fevereiro a novembro de 1973, foram iniciados em 2003, através do incentivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse mesmo programa financiou mais dois estudos nos anos de 2004 e 2005, que foram realizados nesta perspectiva e produziram resultados muito interessantes, os quais foram reunidos em livro publicado pela Editora da UFAL (EDUFAL)<sup>(2)</sup>, trazendo informações originais sobre este fenômeno social que teve desdobramentos significativos para o desenvolvimento da atenção à saúde em Alagoas.

Esse artigo é produto de um projeto submetido e aprovado em edital PIBIC/CNPq que tem por título: “Diagnósticos e tratamentos médicos e as ações de enfermagem registradas nos prontuários dos pacientes atendidos no Navio S.S.*HOPE* no ano de 1973”. Para que se pudesse ter acesso e estudar os mesmos prontuários com propriedade, foi necessário imergir em um estudo histórico-social de quais estruturas, agentes e relações políticas se encontravam vigentes na época e que configuraram o momento propício para a vinda do projeto à Alagoas.

O objeto do presente estudo se encerra nas circunstâncias que trouxeram o *Project HOPE* para Alagoas no ano de 1973. Dentro do mesmo, os objetivos delimitados foram descrever e analisar as circunstâncias que trouxeram o *Project HOPE* a Maceió no ano de 1973, três meses após ter partido do porto de Natal no Rio Grande do Norte.

Considerando o exposto, para este estudo foi proposta a seguinte questão: Quais as principais circunstâncias que trouxeram o Navio S.S. *HOPE* para Alagoas, considerando que o Brasil foi o único país onde o navio ancorou por duas vezes, com espaço de três meses entre uma visita e outra? Um dos benefícios significativos que a pesquisa trouxe foi uma análise crítica dos interesses estadunidenses neste atendimento à população alagoana, reconhecendo que os casos eram selecionados de forma a

atender as necessidades do Navio S.S.HOPE para atividades de educação em saúde nele realizadas, bem como suprir a demanda científica dos médicos dos EUA, que tinham a oportunidade de conhecer doenças típicas de outros países, como era o caso das doenças tropicais<sup>(2)</sup>.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa documental, com abordagem histórico-social. Levou-se em conta para a busca das fontes e para a construção dos textos explicativos a concepção da história social, visto que para esta linha de pesquisa histórica, a realidade é social e culturalmente constituída, sujeita a variações, no tempo e no espaço<sup>(10)</sup>. A escolha deste tipo de estudo justifica-se também porque “qualquer fenômeno social ou fato histórico que esteja sendo pesquisado desempenha, simultaneamente, dupla função: de um lado, define a si mesmo e, de outro, contribui para a elucidação do todo que faz parte<sup>(11)</sup>. Neste caso, a análise das informações contidas nos documentos analisados possui o potencial de esclarecer aspectos da história da saúde da sociedade alagoana e suas interlocuções com a conjuntura local, regional, brasileira e mundial, reconstruindo-se pela coerência de um conjunto de elementos conexos e complementares.

A pesquisa documental pode ser definida como a que busca identificar informações factuais a partir de hipóteses que exige do pesquisador o esgotamento de todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes, com a formação de um “*corpus*” documental amplo, sendo importante se descrever os documentos, as técnicas de manuseio dos mesmos e os meios de realização de análise<sup>(12)</sup>.

Nos estudos históricos é essencial definir um recorte temporal que inclua o tempo antecedente ao que se estuda, pois, “para a história, a escolha de um período antecessor do fenômeno se explica porque nada acontece de maneira súbita e sim gradativamente tecido por algo impulsionador do fenômeno estudado”<sup>(13)</sup>. O recorte temporal do estudo é o ano de 1973, ano da chegada, estada e partida do Navio ao Estado de Alagoas.

O *corpus* documental reúne as fontes que esclarecerão o acontecimento em estudo. Entende-se por “Fonte Histórica”, tudo aquilo que, produzido pela sociedade ou que traz vestígios de sua interferência, pode contribuir com a compreensão e interpretação do passado humano<sup>(11)</sup>. A fonte é o instrumento que o historiador examina e analisa, podendo ser vista como testemunha de uma época ou de um discurso<sup>(14)</sup>.

Para este estudo, no *corpus* documental foram incluídos documentos arquivados no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da UFAL, como recortes de jornais de 1973 que noticiaram a chegada, estada e partida do navio, um livro escrito pela Coordenadora de Enfermagem da equipe de enfermagem do navio, fotografias cedidas e arquivadas como fontes e outros documentos referentes à presença do navio em Maceió. Essas fontes foram submetidas à análise externa e interna, verificando-se sua procedência, originalidade e o conteúdo, se era suficientemente esclarecedor para responder aos objetivos do estudo.

Nesta análise verificou-se que as fontes falavam sobre o navio, seus objetivos e ações desenvolvidas, porém não revelariam sozinhas o ‘por que’ do navio voltar ao Brasil, e justamente para Alagoas. Por esta razão, decidiu-se associar a esse *corpus* documental artigos e livros que trouxessem outras informações, análises política, econômica e social da época; e que tornasse compreensível o que realmente ocasionou o navio aportar, extraordinariamente, duas vezes no mesmo país.

Para encontrar material elucidativo à questão norteadora, recorreu-se a algumas estratégias comuns às revisões integrativas e foram consultadas bases de dados digitais e fontes impressas. As bases de dados digitais consultadas foram a LILACS e MEDLINE, com o cruzamento inicial dos seguintes descritores, provenientes do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Estados Unidos”, “Brasil” e “História do Século XX”. Considerou-se importante, ainda, fazer o cruzamento dos seguintes descritores: “Política”, “Política de Saúde” e “História do século XX”, totalizando 118 artigos na LILACS E 428 artigos na MEDLINE. Além disso, o texto foi construído com ampla referenciação com livros de autores de renome no contexto abordado, como: Boris Fausto, Carlos Fico e José Paulo Neto.

Os critérios de inclusão foram: capacidade de abordar aspectos históricos do recorte temporal escolhido; ter relação direta com os agentes do processo, ou seja, líderes ligados à política externa dos países abordados, bem como do Estado de Alagoas. Os critérios de exclusão foram: não ter como

enfoque quaisquer aspectos de trânsito de poder, influência ou cultura entre os Estados envolvidos; e não estarem na língua portuguesa, inglesa ou espanhola.

Levantados os textos (artigos e livros históricos referentes àquela época), foram separados fragmentos que estavam relacionados aos objetivos da pesquisa, e organizados num instrumento de análise de dados. O mesmo pode ser traduzido por um quadro, onde se dispunham lado a lado o autor da obra, título, ano e os fragmentos de texto relacionados com o tema trabalhado. Isso possibilitou panorama mais abrangente do conhecimento encontrado, para que juntos, os textos levassem às conclusões que se seguem.

Como se trata de pesquisa de cunho histórico, os resultados foram discutidos com a literatura produzida sobre a conjuntura sociopolítica do Brasil e de Alagoas à época, e produziram uma outra versão sobre a visita do Navio S.S. *HOPE* a Maceió, em plena ditadura militar, e após uma década de criação da UFAL. Com esta estratégia foi possível construir quatro textos que, juntos, revelaram as circunstâncias que trouxeram o *Project HOPE* a Maceió no ano de 1973. Esses textos, analisados e discutidos com o apoio da literatura acessada correspondentes à apresentação e discussão dos resultados podem ser vistos a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações extraídas das fontes, analisadas e discutidas com o apoio da literatura consultada permite construir textos que trazem uma interpretação da história, tratando primeiro do macro-espaco social representado pela política externa dos Estados Unidos para a América Latina durante a Guerra Fria; em seguida abordando o macro-espaco político brasileiro em seu período de ditadura militar e seus movimentos de resistência; continuando com a descrição do micro espaco de Alagoas onde se configurou o espaco social propício à vinda do navio e, finalmente, as circunstâncias que trouxeram o navio a Maceió. É o que se segue.

### Política externa dos EUA para a América Latina durante a Guerra Fria.

Descrever o contexto histórico da vinda do *Project HOPE* para terras brasileiras requer uma breve análise das relações dos Estados Unidos da América (EUA) com o Brasil desde a década de 1940, quando Getúlio Vargas exercia a função de chefe de Estado brasileiro, durante o desenrolar da 2ª Guerra Mundial. Os EUA intencionavam “estabelecer uma política hegemônica na América Latina”<sup>(16)</sup>, tendo por um dos seus princípios a defesa de um mundo democrático e livre<sup>(15-17)</sup>. Um pouco diferente do estabelecido em países mais ao norte, como México e os países da América Central, onde as intervenções militares foram mais frequentes, no Brasil essa relação política se deu mais diplomaticamente, ainda que não somente nesses termos<sup>(16,18)</sup>.

Mesmo assim, a intenção dos EUA de controlar o mercado e gerar uma zona de livre comércio, bem como a difusão do próprio modelo de governo (uma democracia a seus próprios moldes) era nítida desde cedo, quando houve a redução da influência espanhola na região <sup>(16-17)</sup>. Sobre isso Merendi é enfática ao afirmar que:

“Até 1930, a lógica de tutelação do poder norte-americano como o único caminho para a democracia e o livre mercado nas Américas era o fio condutor para as políticas da região, originando uma série de intervenções diretas - políticas e militares” (16, p.24).

Desde antes do começo da 2ª Grande Guerra, os EUA estavam imprimindo mudanças nas suas relações internacionais no restante da América, sem perder o objetivo principal: ainda que seu foco fosse estabelecer liderança sobre o bloco americano, as intervenções militares e coercitivas foram claramente “suprimidas” (grifo nosso) para a atuação da conhecida Política da Boa Vizinhança (PBV). Como observa Merendi:

“A Política de Boa Vizinhança (PBV) representou uma mudança íngreme na política americana, começando pelas retiradas das tropas que ainda estavam no continente, o abandono das intervenções armadas e interferências políticas e econômicas, seguindo-se a instalação de um processo de cooperação, que passou a reconhecer a soberania das repúblicas latino-americanas” (16, p.31).

Concomitante a essas ações de cooperação, como o financiamento e intervenções diretas na criação e gerência de instituições como o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), lembrando que estas duas instituições fizeram parte das negociações entre os dois governos que subsidiaram a participação das forças armadas brasileiras no *front* de guerra e o estabelecimento da base estadunidense no Nordeste brasileiro <sup>(2,7,16-17,19)</sup>.

Por outro lado, os EUA precisava agir rapidamente para intervir na expansão do regime socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) para além do leste europeu. Para tanto, foi estabelecida a Doutrina da Contenção, regida pela idéia de que era inaceitável que a URSS aumentasse seu domínio em outras regiões àquelas já dominadas, prevendo que os EUA interviriam em qualquer intento dos soviéticos em fazê-lo. Estas intervenções acabaram gerando uma escalada de tensões, que estimularam os dois países a investirem em armamento nuclear e no rearranjo estratégico dos mesmos, ao ponto de os EUA terem mísseis prontos para atacar a União Soviética na Turquia <sup>(6,16-18)</sup>.

Em contrapartida isso levou a URSS, após a Revolução Cubana e a adesão desta ilha ao regime socialista, a instalar silos de lançamento de mísseis nucleares no território de Cuba, apontados para os EUA, o que gerou a chamada “Crise dos Mísseis de Cuba”, situação esta que levou os Estados Unidos a se verem obrigados a retomar o diálogo com os soviéticos, fazendo um acordo de paz <sup>(6,16-18)</sup>.

Todo este quadro gerou uma tensão dentro da política externa norte-americana sobre a possível instalação do comunismo na América Latina. Desde então, algumas instituições políticas se destacaram e outras surgiram. Uma delas foi a OIAA (*Office of Interamerican Affairs* - ou IAIA como grafado no Brasil - Instituto para Assuntos InterAmericanos) ligada ao governo, de onde surgiram várias iniciativas, como a Aliança para o Progresso (vinculada a United States Agency for International Development - USAID) <sup>(6,7,18)</sup> e criação do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP, entre outras

Neste meio, os EUA redirecionaram seu investimento nas Forças Armadas Americanas e nos países aliados: em vez de apenas aplicá-lo em armamento, tecnologia e treinamento de oficiais destas forças para combater os inimigos, surge uma nova forma de atuar, utilizando os recursos destas forças (especialmente da americana) para ações humanitárias em países “subdesenvolvidos”, chamadas “civic actions”. É neste contexto que, no começo da década de 1960, surge o Project HOPE <sup>(18)</sup>.

O *Project HOPE*, segundo relato do próprio site:

“[...]Nasceu da idéia do Dr. Willian B. Walsh, oficial médico do EUA durante a II Guerra Mundial, que, vendo a pobreza e a grande mortalidade infantil dos países do Pacífico Sul, buscava estratégias de oferecer ajuda a estes casos” (20, p.1).

Segundo a mesma fonte, Walsh convenceu o Presidente Dwight D. Eisenhower a doar o Navio S.S. Consolation, antes a serviço da USAF (Forças Armadas dos EUA), para que o mesmo servisse de unidade de serviço médico flutuante. O projeto se desenvolveu na perspectiva de oferecer não só atendimento em saúde para países onde havia essa carência, mas estimular a formação e desenvolvimento da educação em saúde do local onde atracava. Um dos países beneficiados foi o Brasil <sup>(20)</sup>.

Outra visão revela que o Presidente Eisenhower desejava e incentivava um projeto de ajuda humanitária que causasse impacto social e melhorasse a sua imagem no continente americano, com o apoio financeiro da Fundação Rockefeller e outras organizações, sendo, só então convencido pelo Walsh a adotar a ideia do navio escola hospital itinerante. Isso muda o contexto, percebendo-se uma intenção clara de influência e conquista pacífica dos povos alcançados pelo Projeto, aplicando de forma nítida a sua Política de Boa Vizinhança (PBV) <sup>(7)</sup>.

Neste período (meados dos anos 60), também é colocada em prática a filosofia da Aliança para o Progresso, que era um programa de ajuda humanitária, com mão de obra de caráter voluntário, que atuou bastante no período de 1966-69, principalmente no Norte e Nordeste brasileiro. Muitas de suas ações foram consideradas de fachada que não trouxeram mudanças significativas para o país, como se desejava. Celso Furtado, presidente da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) no período, ficou entusiasmado com a chegada da Aliança. Logo, porém, percebeu que as ações faziam parte de um programa de difusão ideológica e propaganda do governo dos EUA <sup>(18)</sup>, verificando-se que

“Celso Furtado frustrou-se ao perceber que as iniciativas [da Aliança para o Progresso], superficiais, buscavam sobretudo manipular a opinião pública e contrapor-se ao que o governo norte-americano considerava um temível movimento camponês, as Ligas Camponesas, na verdade, ‘um proto-sindicalismo de reivindicações sobremodo modestas’[...]” (18, p.28-29).

É Interessante esclarecer brevemente este proto-sindicalismo citado (negrito nosso de destaque) que eram as Ligas Camponesas. Originadas no interior do Estado de Pernambuco, as mesmas eram organizações de trabalhadores rurais de educação simples que buscavam, inicialmente, a melhora das condições de plantio, além de criar algum tipo de seguridade social para os participantes, como assistência a saúde e jurídica. As mesmas começaram a obter vitórias na justiça para a expropriação de terras de seus antigos donos por abusarem de seus direitos. A figura ligada ao movimento que ganhou notoriedade pelas vitórias na justiça foi Francisco Julião, que chegou ao cargo de Deputado Estadual<sup>(21)</sup>. Neste campo de disputa social

“Julião foi eleito deputado federal por Pernambuco, após ter sido deputado estadual naquele mesmo estado. Foi nesse momento que as ligas camponesas chegaram ao ápice de seu prestígio político. A partir de 1962 essa influência decaiu, embora Francisco Julião mantivesse o prestígio do movimento. Essa notoriedade se deveu em grande parte às repercussões internacionais das ligas. De fato, a Revolução Cubana alertou os políticos e a opinião pública dos EUA para os perigos de outros focos revolucionários semelhantes, e o temor recaiu sobre o Nordeste brasileiro, a mais extensa e povoada zona de pobreza do mundo ocidental” (21, p.1).

De posse desta reeleitura da política de boa vizinhança dos EUA e suas estratégias de controle político ideológico dos países da América Latina, compreendendo-se o nascedouro do *Project HOPE* e suas intenções, as quais não se tem notícias se eram compartilhadas pelos participantes do projeto, é importante refletir sobre a conjuntura brasileira no recorte temporal em que o navio chegou ao nordeste brasileiro, como se vê adiante.

#### **A Ditadura Militar: Influências externas e movimentos de resistência.**

Em 1960 o Brasil estava em período eleitoral majoritário e os candidatos eram o General Henrique Lott, candidato da situação e Jânio Quadros, candidato de oposição. Lott usava uma espada como tema e pregava a ordem e o progresso, enquanto Jânio tinha uma vassoura como símbolo, com a qual varreria a corrupção do Brasil. Naquele pleito a eleição do vice presidente era independente e João Goulart foi o vice eleito de Jânio Quadros, conhecido pela renúncia ao cargo de Presidente do País após 9 meses de mandato. Ainda na sua gestão o mesmo estabeleceu uma política exterior um tanto eclética, o que desagradava bastante os EUA; chegou até a condecorar o próprio Fidel Castro pela sua contribuição à política cubana e fazer-lhe uma visita. Jango, como era conhecido João Goulart, por determinação do presidente, visitava a China quando seu co-partidário político deixou o cargo<sup>(2,18,22)</sup>.

Goulart assumiu o Poder com as ressalvas de um sistema parlamentarista implantado às pressas, pelo medo do mesmo representar uma ameaça comunista ao País. Com alguns poderes vetados, fazia campanha à volta do presidencialismo, enquanto se aproximava dos movimentos sindicais, operários e militares de baixo posto (sargentos, cabos e soldados). O mesmo conseguiu representar o apoio a quebra da hierarquia militar, a perda de privilégio das elites e uma possível transformação do país em uma “nova China”<sup>(2,18,23)</sup>.

Mesmo em meio a tantas pressões, o presidencialismo foi restabelecido. Porém, foi organizado os moldes do futuro golpe, regido pela “Doutrina de Segurança Nacional”, nascida na Escola Superior de Guerra (ESG) do Exército Brasileiro, com influência de conselheiros franceses e americanos<sup>(2,18)</sup>. Em 31 de março de 1964, Mourão Filho e Amauri Kruehl comandaram tropas em direção ao Rio de Janeiro. João Goulart, evitando conflitos armados e medidas mais drásticas, seguiu em direção à Brasília, de lá para Porto Alegre, e por fim ao Uruguai, deixando vago o cargo de Presidente<sup>(2,18)</sup>.

O primeiro presidente eleito por eleições indiretas foi Castelo Branco. O mesmo criou uma amizade e relação de confiança com Vernon Walters, conselheiro militar da embaixada dos EUA no Brasil. Uma das primeiras atitudes do governo de moldes militares foi Ato Institucional nº 1. O AI-1, como

ficou conhecido, manteve o funcionamento do Congresso e a Constituição de 1946, porém incluiu várias modificações que permitissem uma intervenção direta da Presidência e do Poder Executivo sem maiores empecilhos <sup>(2,22)</sup>.

Isso fortaleceu o SNI (Serviço Nacional de Informações), instituição responsável pela pesquisa, coleta de informações, apreensão (e tortura) de suspeitos contra o regime. Antes de sair do governo, Castelo Branco deixou sua última contribuição ao regime: aprova a famosa Lei de Segurança Nacional, fazendo da doutrina um instrumento legal de severa perseguição aos movimentos esquerdistas, como as greves, manifestações e oposições políticas <sup>(2,22)</sup>.

Ainda no governo castelista, se levantou a Frente Ampla, reunindo vários grandes nomes da política brasileira, como JK, Jango e Carlos Lacerda, buscando enfrentar o Regime e a volta da democracia. A mesma não conseguiu o apoio da maioria da população, e a Ditadura logo a colocou na ilegalidade. Mesmo assim a mesma ganhava ímpeto; e além disso, surgiram muitos movimentos armados de esquerda, pois perceberam que manifestações populares não eram mais suficientes. O MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) junto com a Aliança Libertadora Nacional (ALN) realizaram até o sequestro do embaixador dos EUA no Brasil em troca de presos políticos <sup>(2,22)</sup>.

Após a primeira gestão, o governo Costa e Silva, presidente representante das aspirações da “linha-dura” (linha que defendia uma oposição mais veraz ao comunismo e uma maior intervenção militar no País), aprovou outros dispositivos de repressão, entre os quais o Ato Institucional nº5, que reforçou ainda mais o Poder Executivo, dando-lhe o direito de fechamento provisório do Congresso, nomeação de interventores para os Estados e Municípios, além de poder cassar mandatos de qualquer político, bem como seus direitos. Outra mudança radical incluída no AI-5 era relacionada aos Serviços de Informações, cujo poder aumentou sensivelmente, estabelecendo, na prática, a censura dos serviços de comunicação <sup>(2,22)</sup>.

Emílio Garrastazu Médici, Presidente de 1969 a 1974, período dentro do que se deu a atuação do *Project HOPE* no País, fora amigo íntimo de Costa e Silva durante sua carreira militar. Logo se despontou por, entre outros grandes cargos, ser chefe do SNI durante o governo Costa e Silva. O governo Médici foi marcado pelo declínio extenso da luta armada, pelos mecanismos já citados, como o AI-5 e suas consequências. Além disso, houve uma grande abertura econômica para o comércio estrangeiro, ocupado em grande parte pelos EUA. No entanto, o Estado não adotou uma política tão liberalista: os incentivos fiscais, a concessão de créditos (bem como a sua tomada em bancos externos) foram abundantes no período <sup>(2)</sup>.

Porém, um dos grandes aspectos negativos do processo do “milagre econômico” de Médici foi o aprofundamento das desigualdades sociais através do acúmulo de capital. Ainda, o governo acabou por deixar de lado programas de benefício social, o que acabou gerando um país de uma economia forte, mas com indicadores sociais agravados (na saúde, educação e habitação, principalmente) <sup>(2)</sup>. Este estado de alarmantemente baixo índice de desenvolvimento social fortaleceu o movimento das forças de oposição que encontraram espaço para se reorganizarem, mesmo na clandestinidade.

Se, no espaço social brasileiro a ditadura militar impunha seu ritmo, o micro-espaço social representado pelos estados cumpriam as determinações do poder central e tratavam de contornar como podiam as suas contradições locais ao tempo em que defendiam as suas especificidades. Com o estado de Alagoas não foi diferente, como se vê:

### **O Estado de Alagoas e o cenário propício para a vinda do HOPE**

Na época do golpe de 1964, Alagoas era governada por um militar, o General Luiz Cavalcante, conhecido por “Major Luiz”. Sendo assim, o mesmo articulou o Estado, deixando-o em estado de alerta contra qualquer tentativa de ação em favor do presidente Goulart. O mesmo impediu a realização de um comício por parte dos grupos oposicionistas que trazia do Sul Leonel Brizola, político de esquerda, alinhado a Jango <sup>(21,23,24)</sup>.

Frentes de protesto organizavam-se desde antes do golpe. Dentre elas, os movimentos sindicais rurais ganhavam expressão no começo da década, chegando a organizar a Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado (FETAG/AL, existente até hoje). Além disso, vindas de Pernambuco, as Ligas Camponesas se disseminaram. O governo de Luiz Cavalcante propôs medidas de controle



como a organização do sindicatos aos moldes do Estado (repetindo a atitude de Castelo Branco) bem como mostrava disposição às iniciativas de reforma agrária<sup>(23-26)</sup>.

A repressão política aumentou, sobretudo, após a promulgação do AI-5, que propiciou mecanismos mais incisivos no combate ao comunismo. A Lei de Segurança Nacional é utilizada para enquadrar Jailson Rocha, presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes), que foi preso pelo 20º Batalhão do Exército, além de que toda a diretoria do DCE foi indiciada pela Polícia Federal. Mais tarde, em julho de 1973, em plena estada do Navio S.S. *HOPE* em Maceió, lideranças do DCE que estavam ligadas ao Partido Comunista Revolucionário foram presas por agentes do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna), ficando desaparecidas por 30 dias. O Reitor da UFAL, recém criada em 1960 pelo Presidente Juscelino, Nabuco Lopes, diante desse fato, acabou suspendendo as atividades do Diretório<sup>(2,7,23,25)</sup>.

Quanto à economia, no entanto, avanços foram notados em Alagoas. O advento da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), da Mecânica Pesada Continental, da Fives Lille Cail, e da tão famosa Salgema Indústrias Químicas S/A (atual Braskem), eram sinais do que no Brasil todo se mostrava como o “milagre brasileiro”, com a abertura do capital externo. Essas trouxeram várias oportunidades de emprego, o que era um grande problema na época. De 209 mil habitantes da Microrregião de Maceió, 123 mil estavam desempregados. O Cais do Porto de Maceió, no ano seguinte a estada do S.S. *HOPE*, chegou a movimentar 1 milhão de toneladas de produtos, ficando em 2º lugar do Nordeste<sup>(23)</sup>.

Não obstante, um relatório sobre o “Perfil Sócio-Econômico do Estado de Alagoas”<sup>(7)</sup>, foi produzido pela Secretaria de Planejamento do Estado, publicado no Governo José Tavares (1986-87), em fevereiro de 1987. Nele, há uma análise geral sobre dados sócio-demográficos e alguns dos principais indicadores de saúde. O Estado se encontrava numa situação de transição, como todo o país, de redução da taxa de fecundidade, aumento significativo da escolaridade e migração gerada pelo êxodo rural. Alagoas, no ano de 1970, apresentava uma população de 1.558.109 habitantes. Destes, 39,8% residiam em áreas urbanas, e 60,2% em áreas rurais. A migração para as cidades nesta época aconteceu intensamente, gerando em 1980 uma distribuição perto de 1:1 (50% cada) entre zonas rurais e urbanas, tendo número total aumentado para 1.982.591<sup>(7)</sup>.

As taxas de mortalidade em Alagoas eram marcantes. Em 1970, a taxa de mortalidade infantil chegavam a alarmantes 155,3 por 1.000 nascidos vivos. Já a taxa bruta de mortalidade era de 18,9 por 1.000 habitantes no mesmo ano, enquanto no Brasil já chegavam a 9,3 mortes por 1.000 hab, e no Nordeste, 14,8. Percebeu-se também que a percentagem de homens nascidos era maior que a de mulheres, porém o número da população masculina decaiu significativamente na faixa etária de 15 aos 29 anos, o que pode-se relacionar com os acidentes de trabalho e altos índices de violência. Outro dado bastante importante é a expectativa de vida: em 1980, ela alcançava 46,7 anos para a população urbana, e 44,4 anos para a rural<sup>(7)</sup>.

As doenças infecciosas e parasitárias ainda eram a maior causa de morte no Estado, representando 28,8% dos óbitos em 1980. Dentre as crianças de 0-4 anos esse número se exponencia, representando 47,7% dos óbitos, ganhando até de doenças respiratórias (18,5%). Houve notável aumento de mortes causadas por doenças circulatórias (23,0% em 1980 e 27,9% em 1982), o que mostra que Alagoas seguia o movimento dos países em desenvolvimento, aumentando a mortalidade por doenças crônicas.

### Circunstâncias que trouxeram o Navio S.S. *HOPE* a Alagoas

Com relação aos motivos da vinda do *Project HOPE* para a cidade de Natal-RN, foi ressaltado que não se tem uma sequência de acontecimentos bem delimitados, especificamente no que tange sua estada na cidade de Natal; mas, por certo, alguns fatores contribuíram<sup>(6)</sup>. Entre eles estão a boa relação do Estado do Rio Grande do Norte com os EUA, e mais especificamente com o Maine/EUA (tendo pacto firmado), principalmente porque na década de 1940 bases militares estadunidenses foram instaladas no estado; o encontro do então reitor da UFRN e o Dr. William B. Walsh, tendo o primeiro convidado o segundo para trazer o Navio S.S. *HOPE* para Natal; e a interlocução do Governo do Estado do Rio Grande do Norte junto à UFRN com a organização do *Project HOPE* de forma mais direta<sup>(6)</sup>.

Nenhuma pode ser afirmada como a principal, nem mesmo como menos importante, pois, segundo o autor, todas foram imprescindíveis para a chegada do Navio e do *Project HOPE* ao País. Até porque

as mesmas parecem estar concatenadas umas às outras<sup>(6)</sup>. Pelos objetivos do projeto e pela escolha dos demais países onde aportou foi compreensível que aqui chegasse, porém, o navio nunca aportou no mesmo país duas vezes, sendo a segunda para Alagoas, outro estado do nordeste. O que justifica a segunda viagem ao Brasil?

A vinda específica para Maceió-AL foi motivada, também, pelo pedido da Universidade Federal de Alagoas, na pessoa do Professor Úlpio Paulo de Miranda e de José de Lima, com o apoio do Governo do Estado, que apelaram para o Dr. William B. Walsh, enquanto o mesmo estava em Natal, para que o Navio S.S. *HOPE* aportasse na capital alagoana<sup>(7)</sup>. Os mesmos estabeleceram um convênio através do contato da UFRN e o *Project HOPE*, que firmou a promessa de vinda do navio às águas alagoanas.

Porém, foi possível entender que os EUA e seus agentes políticos tinham quatro tipos de interesses dentro do Brasil. Estes se relacionam: militares, políticos, científicos e econômicos. É sabido que os EUA tinham bases militares nas capitais: Natal-RN, João Pessoa-PB e Maceió-AL<sup>(6)</sup>. Foram apresentados documentos da política norte-americana mostrando o interesse na “protuberância nordestina”, por ser um ponto estratégico de acesso aéreo pela proximidade com os continentes africano e europeu. Isso era de grande valia no transporte de suprimentos e o seria em caso da instalação de outra guerra mundial, principalmente após a escalada de tensões que ocorrera com a URSS na década de 60, convergindo na “crise dos mísseis” de Cuba<sup>(18)</sup>. Sobre isso, Carlos Fico ressalta:

“Até então, fora muito importante para os Estados Unidos poder usar bases aéreas e outras instalações no Nordeste brasileiro [...], quando um acordo entre os dois países foi feito, superando as restrições que existiam entre alguns militares brasileiros quanto à presença de soldados estrangeiros uniformizados em território nacional, bem como em relação ao direito de aviões americanos decolarem e pousarem no Brasil sem aviso prévio. [...] as bases militares norte-americanas no Nordeste mantiveram sua importância, em apoio às rotas do Atlântico Sul e do Oriente Médio, além da África” (18, p.19).

Outro ponto notável é o fato de que a imagem dos EUA estava muito desgastada após o episódio da Revolução Cubana, o qual reagiu de forma incisiva sobre o regime da ilha, isolando a mesma de suas exportações e tentando derrubar o poder ali instalado. Os latinos foram empáticos com a situação de Cuba, intercedendo pela mesma diplomaticamente, mas os norte-americanos foram irredutíveis. Logo, a simpatia de parcela do continente foi direcionada para movimentos socialistas. Só mais tarde, com o presidente John Kennedy, os EUA marcaram positivamente as relações com a América Latina, conseguindo reverter o quadro pelo seu carisma e sua campanha difundida de mídia, com discursos de mútua cooperação entre os Estados Americanos<sup>(16,18)</sup>.

Pelo fato do *Project HOPE* ser uma ação que mostrava uma boa relação dos EUA aos povos vizinhos, o que os próprios presidentes americanos assumiram<sup>(2)</sup>, o mesmo também podia ser utilizado como meio de propaganda. Isso seria bastante útil pois, no Nordeste brasileiro, inclusive em Alagoas, havia uma disseminação de movimentos de esquerda, alinhados ao socialismo, principalmente com a formação de sindicatos rurais e Ligas Camponesas<sup>(21,23)</sup>. Estes movimentos rurais eram bastante temidos pelos EUA<sup>(18)</sup>. O relato de Fico corrobora esta afirmativa:

“Kennedy tinha uma visão algo catastrófica da América Latina, a “área mais perigosa no mundo”, como ele dizia, certamente em função da fracassada tentativa de invasão de Cuba e da tormentosa crise dos mísseis. Portanto, suas iniciativas para a região eram um instrumento de controle da América latina no contexto da Guerra Fria que, agora, também a afetava e não apenas a Europa e a Ásia, como até então. Mas sua elaborada retórica democrática, de cooperação desinteressada, e seu tremendo carisma [...] garantiram-lhe uma imagem muito positiva entre os latino-americanos” (18, p.31).

Importante ressaltar que a vinda do Navio S.S. *HOPE* não foi a única iniciativa de ajuda humanitária para o Nordeste. A Aliança para o Progresso e os “Corpos de Paz” (*Peace Corps*) foram outras ações que, notadamente, tinham por objetivo melhorar a imagem dos EUA perante os brasileiros, organizadas diretamente por instituições federais, e no caso da Aliança, financiada pelo Estado norte-americano, mais especificamente pela USAID, que buscava relacionar os EUA a uma figura paternalista dentro do continente, principalmente vindo que os movimentos de esquerda ganhavam visibilidade e adesão dentro da América do Sul como um todo<sup>(2,18)</sup>.

Outro fato que pode ser citado é que Alagoas estava sentindo o poder exercido pelo Governo Militar, quando o mesmo nomeia um interventor (João Batista Tubino - 1966-70) para governar o Estado em lugar do candidato eleito Muniz Falcão, que exercera um mandato no Palácio dos Palmares (pelo mesmo não ter obtido a maioria absoluta dos votos, o que era lei segundo o AI-1). Pelo clima de insatisfação social com o Regime Militar, a vinda do S.S. *HOPE* pode ter sido, intencionalmente ou não, uma forma de pacificação das tensões entre civis e os Governos, tanto de Alagoas, como do Brasil<sup>(7,23)</sup>.

No plano econômico, principalmente no governo Médici (1969-74), o Brasil incentivou a vinda de capital externo, principalmente dos EUA, não só na área da saúde, mas em vários setores econômicos, inclusive da indústria automobilística. Vale lembrar que, à época, o Brasil vivia um período de intensa hospitalização por influência da cultura de saúde norte-americana no governo militar, que utilizava-se dos recursos adquiridos pela Seguridade Social (representada pelo Instituto Nacional de Previdência Social) para financiar a criação e manutenção da rede privada<sup>(2,27-28)</sup>.

Santos e colaboradores mostram que os EUA, através do *Project HOPE*, divulgavam sua tecnologia em saúde, através do viés educativo, que visava uma troca de saberes técnico-científicos em saúde entre os profissionais norte-americanos e da localidade onde atuavam. Neste ínterim, foi percebido um caráter de imposição da cultura da enfermagem norte-americana sobre as enfermeiras alagoanas<sup>(7)</sup>, como conta o relato:

“E elas eram experientes, tinham com elas a metodologia da assistência, estavam na frente da gente há algum tempo. Mas teve coisas boas e teve também problemas. (Lúcia Leite). [...] Neste depoimento também se percebe manifestações de resistências da imposição desta cultura de enfermagem. Leve-se em conta que os EUA se consideravam um povo de desenvolvimento e cultura mais evoluídos e que praticavam uma política assistencialista de boa vizinhança, através da qual impunham uma cultura aceita, social e historicamente, como “superior”, sobre uma considerada inferior, representada aqui pela Enfermagem alagoana” (7, p.537).

E como o Brasil crescia como um profícuo mercado dos produtos estadunidenses, notadamente tecnologia em saúde, a troca de conhecimento e técnicas era muito útil para divulgar a indústria de saúde norte-americana. Relatos demonstram como equipamentos inovadores eram utilizados na prática dentro do Navio S.S. *HOPE*, em sua passagem em Natal/RN, impressionando os profissionais brasileiros<sup>(6)</sup>. Carlos traz mais detalhes sobre este ponto:

“A assistência à saúde e o intercâmbio profissional promovido pelo navio-hospital S.S. *HOPE* possibilitou o acesso às inovações, como disseram os colaboradores, com especial destaque, à época, aos insumos descartáveis – luvas, jelhos, polifix, cateter para punção da veia subclávia, campos cirúrgicos – por sua abundância e qualidade. Constam também como inovação o uso de grampeadores cirúrgicos (surgical stapler) para cirurgias do aparelho digestivo e a prática da enxertia óssea. Igualmente inovadoras foram as realizações, rotineiras e sistemáticas, de testes biológicos para a checagem do processo de esterilização de estufas e autoclaves” (6, p.139) .

Não pode-se deixar de falar da situação social de saúde da população alagoana cujos índices alarmantes eram de conhecimento dos EUA através da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), inclusive o reconhecimento de que a maioria das mortes eram devidas a causas evitáveis. O Estado clamava por ajuda e a visita do *Project HOPE* se mostrava muito oportuna. Como já foi dito, o Dr. Úlpio de Miranda articulou um convênio entre o Estado de Alagoas e a UFAL para negociar a vinda do Navio, estando o mesmo ainda em Natal. Com certeza a situação de saúde do Estado foi preponderante no processo de decisão do Projeto para sua vinda<sup>(1,7)</sup>. Carlos (2015) traz alguns relatos em seu trabalho sobre as possíveis intenções do projeto:

“Os americanos mantinham fortes ligações com a OPS e dispunham de dados sobre a mortalidade materno-infantil e doenças infectoparasitárias no Nordeste [...] eram claras as intenções do *Project HOPE* quanto às ações básicas de saúde [...] visitaram-nos bem antes da vinda do navio-hospital [...] a escolha por Natal talvez, tenha sido porque lá a saúde era mais precária [...] naquele tempo, já dispúnhamos, em Recife, de uma Faculdade de Medicina e de duas Escolas de Enfermeiras [...] Pernambuco tinha muitas enfermeiras engajadas no SESP [...] em Natal, eram umas poucas enfermeiras, lembro-me de Leda Morais, Raimunda

Germano e de Oscarina Coelho, todas formadas aqui, em Recife/PE (FERRAZ). Os relatos chamam a atenção à divulgação sobre a vinda do *Project HOPE*, a Natal/RN, em 1972, considerando-se suas ligações com a Organização Pan-Americana de Saúde, seu histórico de viagens a países em desenvolvimento, suas ações assistenciais, de educação em saúde e intercâmbio profissional” (1, 127-128).

A situação de Alagoas refletia a do Nordeste, se tornando propícia para a atuação do *Project HOPE*. A partir da confirmação da vinda, Alagoas se preparou para a chegada do Navio S.S. *HOPE*. A UFAL realizou uma seleção de candidatos a vagas de trabalho dentro do Navio, inclusive de intérpretes (dentre esses, destacou-se a Enf<sup>a</sup> Vera Monteiro que não só exerceu esta função mas ajudou na área de enfermagem por ter-se formado enfermeira em universidade estadunidense<sup>(2)</sup>).

O Projeto oferecia oportunidade de estágio para estudantes e profissionais da área de saúde e outras, cumprindo seu objetivo didático e de transferência de recursos e conhecimento tecnocientíficos para países “carentes” (grifo nosso). Abriram-se vagas para médicos (cirurgiões e clínicos), odontólogos, enfermeiros, intérpretes, arquivistas e outras profissões necessárias para o andamento das atividades dentro da “cidade” (como alguns relataram) que era o Navio S.S. *HOPE*. Havia grande empolgação pela oportunidade, que foi divulgada em amplos canais de comunicação<sup>(7)</sup>.

As mudanças estruturais do Porto de Maceió também foram bem comentadas. O *pier* em local para sua ancoragem foi feito em três meses. Ainda assim, por problemas técnicos da obra, o mesmo precisou ser transferido para um “berço” (grifo nosso) comercial, o que atrapalhou a logística do Porto do Jaraguá<sup>(7)</sup>.

Em sua estada em Natal - RN, Carlos (2015) referiu que o Jornal Tribuna do Norte, em 1972, registrou estes dados: durante os 10 meses, foram realizadas cerca de 10 mil atendimentos, 1307 cirurgias, durante 1805 horas no total, sendo a mais prolongada de 11 horas. Isso demonstra a vultuosidade do projeto para aquela cidade<sup>(6)</sup>. Não foram achados dados semelhantes pelos pesquisadores sobre o total de ações do *Project HOPE* em Alagoas. Estudo teve como objeto os diagnósticos e tratamentos registrados nos prontuários de pacientes atendidos no navio, motivado pela identificação de um lote de 700 prontuários arquivos inativos do Hospital Universitário Prof<sup>o</sup>. Alberto Antunes da UFAL, porém os dados existentes foram insuficientes para conclusões confiáveis porque após o encerramento da coleta de dados e do prazo de finalização da pesquisa equipe do Serviço de Arquivo Médico encontrou um segundo lote com cinco mil prontuários.

Com o foco de fortalecimento da educação em saúde local, o *Project HOPE* oferecia cursos para os estudantes e profissionais da área, como cursos de extensão em: neonatologia, cirurgia pediátrica, tratamento de queimaduras e ginecologia. Além destes, haviam cursos como os de fisioterapia, anestesia, odontopediatria e farmácia hospitalar. Alguns médicos e odontologistas ofereciam palestras sobre tratamentos específicos de saúde e seu avanço técnico científico na área. Entre elas estavam: “Preparação de Coroas Dentárias”, “Doenças Infecciosas Comuns em Natal/RN”, “Câncer de pálpebra”, “Anemia apástica”, “Utilização da hipnose na Medicina”, “Técnicas de enxerto de osso em cirurgia oral”, além de outras<sup>(6)</sup>. As enfermeiras norte-americanas promoveram seminários sobre o “Processo de Enfermagem”, como forma de divulgação do seu modelo de trabalho<sup>(7)</sup>.

## CONCLUSÃO

Em suma, existiram quatro circunstâncias básicas que abrangeram a vinda do Navio S.S. *HOPE*. A primeira delas é a situação social do Estado de Alagoas, o qual possuía indicadores de saúde alarmantes, a qualidade do serviço de saúde local carecia de melhorias, e a vinda do *Project HOPE* a terras alagoanas trouxe reforços importantes para situações emergenciais, e conhecimento (através dos treinamentos e da prática oferecida dentro do Navio) que fortaleceu as entidades científicas da área da saúde do Estado.

Outra circunstância importante foi a carência de conhecimento técnico e tecnológico de abordagens e tratamentos para problemas de saúde, o que motivou médicos e instituições com a UFAL e o governo estadual, pois, já era de conhecimento que seriam oferecidos treinamentos para profissionais locais, os mesmos poderiam se apropriar de técnicas, tratamentos e conhecimentos sobre doenças não encontradas em seus países de origem. Doenças tropicais, anomalias congênitas, e outras doenças raras para os cientistas americanos eram de grande valia para o crescimento de sua medicina.

As circunstâncias militares e políticas se mostram latentes quando há uma revisão da política externa norte-americana sobre a América do Sul, e mais especificamente sobre o Brasil. O interesse dos EUA sobre a “protuberância nordestina”, demonstrado pelas três bases militares aéreas presentes na região (Natal/RN, João Pessoa/PB e Maceió/AL), junto ao surgimento de influentes movimentos rurais de cunho esquerdista, como as Ligas Camponesas e, aqui no Estado, a Federação de Trabalhadores na Agricultura (FETAG/AL), deixaram os especialistas norte-americanos temerosos sobre uma possível tomada do nordeste brasileiro para palco de revoluções socialistas. A vinda do *Project HOPE* foi um marco na aproximação dos americanos para com os nordestinos.

Por fim, pode-se citar as circunstâncias econômicas, nas quais havia uma abertura do país para o mercado externo, bem como um delineamento das políticas públicas de saúde ao modelo técnico-biomédico dos EUA. O Navio S.S. *HOPE* foi um ótimo meio de troca de conhecimento entre médicos brasileiros e estrangeiros, na qual a difusão das novas técnicas americanas, bem como seus produtos, foram bem divulgados.

O presente trabalho enfrentou a limitação da escassez de documentos para compor o seu *corpus* documental. A ampla busca de documentos de várias fontes possibilitou uma visão de vários pontos sobre o fato, mostrando ser coerente dar continuidade à pesquisa.

## REFERÊNCIAS

1. Carlos DJD. Projeto HOPE no Rio Grande do Norte: nexos com a saúde e o ensino superior de enfermagem (1972- 1985) [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2015.
2. Santos RM; Lira YCMS; Nascimento RF. O navio HOPE: um novo encontro entre a enfermagem brasileira e a norte-americana. 1 ed. Maceió: EDUFAL; 2009.
3. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. O Hospital Universitário Professor Alberto Antunes: Nossa História. Maceió; 2017. [citado em: 19 mai 2018]. Disponível em: <http://www.ebserh.gov.br/web/hupaa-ufal>.
4. Fausto B. História do Brasil. 14 ed. São Paulo: Edusp; 2015.
5. Azevedo J. UFAL – Documentário histórico. Maceió: Edufal; 1986.
6. Macedo AC. A luta das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas por melhores posições no campo da saúde (1977-1979) [dissertação]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas; 2013.
7. Costa LMC, Santos RM, Santos TCF, Trezza MCSF, Leite JL. Project HOPE contribution to the setting up of the professional identity of the first nurses from Alagoas, 1973-1977. *Rev. bras. enferm* [Internet] 2014 [cited 2018 Jun 18]; 67(4):535-42. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0034-71672014000400535&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-71672014000400535&lng=en&nrm=iso&tlng=en)
8. Estado de Alagoas. O Perfil Sócio-Econômico do Estado de Alagoas. Secretaria do Planejamento do Estado de Alagoas, Fundação Instituto de Planejamento (FIPLAN). Maceió: Imprensa Oficial do Estado de Alagoas; 1987.
9. Netto JP. Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985). São Paulo: Cortez; 2014.
10. Burke P. A Escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP; 2011.
11. Barros JD. O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico. 9. Ed. Petrópolis: Vozes; 2013.
12. Sá-Silva JR, Almeida CD, Guindani JF. Documentary research: theoretical and methodological clues. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* [Internet] 2009 [cited 2018 Jun 22]; 1(1) 1-15. Available from: [http://redenep.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teorica\\_s\\_e\\_metodologicas.pdf](http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teorica_s_e_metodologicas.pdf).
13. Oguisso T; Campos PFS; Freitas GF. Pesquisa Em História da Enfermagem. 2ed. Barueri: Manole, 2011.
14. Barros JD. Historical resources: revisiting some key points for Historical Research . *Mouseion* [Internet] 2012 [cited 2018 Jun 22]; 12(2) 129-59. Available from: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332/414>.
15. Pecequillo CS. A política externa dos Estados Unidos. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2003.

16. Merendi IP. Justificando intervenções: a política externa norte americana e a América Latina [Dissertação]. São Carlos: UFSCAR; 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1449>
17. Mota LGR. A política externa norte americana na Guerra Fria: análise da Détente no período Nixon-Kissinger [Monografia]. São Paulo: Fundação Armando Alvares Penteado; 2011.
18. Fico C. O grande irmão da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2008.
19. Renovato, RD; Bagnato MHS. As contribuições do Serviço Especial de Saúde Pública para a formação profissional da Enfermagem no Brasil (1942-1960). *Rev. bras. enferm.* [Internet] 2008 [citado 2018 nov 22]; 61(6) 909-15. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a20v61n6.pdf>
20. Escorel, S. História das políticas de saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. In: GIOVANELLA, L. et al. Políticas e sistema de saúde no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2014. p. 323-63.
21. Tenório DA. Os Caminhos Do Açúcar Em Alagoas do banguê à usina, do escravo ao bóiafria. *Revista Incelências* [Online] 2011 [citado 2018 Jun 18]; 2(1) 5-27. Disponível em: <http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/inceleacias/article/viewFile/104/64>.
22. Ferreira JPH, Fernandes, LEO. Nova história integrada: ensino médio. Manual do Professor / João Paulo Hidalgo Ferreira, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. São Paulo: Companhia da Escola; 2005.
23. Queiroz A. Episódios da História das Alagoas. 2ª ed. Maceió: Edições Catavento; 1999.
24. Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). *Ligas Camponesas*: Verbete. Rio de Janeiro; 2018. [citado 2018 mai 2018]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ligas-camponesas>.
25. Costa RJ. Por Uma História Do Golpe Civil E Militar Em Alagoas. *Revista Crítica Histórica* [Internet] 2014 [citado 2018 Jun 22]; 5(10) 19-36. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2948/pdf>
26. Santos, PVB. Discursos, Práticas E Memória: O MDB Em Alagoas E A Ditadura Militar (1966-1979) [Dissertação]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas; 2017.
27. *PROJECT HOPE. History of Project HOPE*. Millwood; 2018. [cited 2018 May 18]. Available from: <<http://www.projecthope.org/about/history.html>>. Acesso em 24 Mar 2018.
28. Hockman, G. “Brazil isn’t only disease”: Juscelino Kubitschek’s public health program. *Hist. ciênc. saúde-Manguinhos* [Internet] 2009 [citado 2018 Jun 18]; 16(1) 313-31. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/15.pdf>